

A SEMANA – 166

John Gledson

Novamente, esta crônica parece ser um sutil questionamento de um dos eventos mais destacados da semana: a volta de Rui Barbosa ao Brasil, depois do seu exílio durante o governo de Floriano. Quem adivinharia desta crônica que Machado tinha sérias dúvidas sobre a recepção “entusiástica e ruidosa” do grande homem? Entretanto, não deixa de dar algumas pistas, primeiro, chamando-o “o ilustre ministro do governo provisório”, quando sabemos que seu principal ato nesse governo foi abrir as comportas para a emissão de grande quantidade de papel-moeda, que levou à inflação e ao Encilhamento de 1890 e 1891, no decreto de 7 de janeiro de 1890 (ver crônica de 11 de dezembro de 1892 [34], nota 3); também ao falar de seus talentos literários, beira o elogio sem cair nele, arte em que era mestre. Será que o próprio Rui adivinharia os verdadeiros sentimentos do cronista? Os outros assuntos, José Basílio da Gama e a própria *Gazeta*, são nossos conhecidos – é interessante constatar que, segundo a última frase, Balzac já estava fora de moda.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 235-239.



A SEMANA

4 de agosto de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Antes de escrever o nome de Basílio da Gama, é força escrever o do Dr. Teotônio de Magalhães.¹ A este moço se deve principalmente a evocação que se fez esta semana do poeta do *Uruguai*. Pessoas que educaram os ouvidos de rapaz com versos de José Basílio, não tinham na memória o centenário da morte do poeta. Não as crimino por isso; seria criminar-me com elas. Também não ralho dos últimos anos deste século, tão exaustivos para nós, tão cheios de sucessos, *terra marique*.² Não há lugar para todos, para os vivos e para os mortos, principalmente os grandes mortos. Mas como alguém se lembrou do poeta, esse falou por todos, e muitos seguiram a bandeira do jovem piedoso e modesto, que mostrou possuir o sentimento da glória e da pátria.

Não se fez demais para quem muito merecia; mas fez-se bem e com alma. Que os nossos patrícios de 1995, chegando o dia 20 de julho, recordem-se igualmente que a língua, que a poesia da sua terra³ adornam-se dessas flores raras e vívidas. Se a vida pública ainda impedir que os nomes representativos do nosso gênio nacional andem na boca e memória do povo, alguém haverá que se lembre dele, como agora, e o segundo centenário de Basílio da Gama será celebrado, e assim os ulteriores. Que esse modo de viver na posteridade seja ainda uma consolação! Quando a pá do arqueólogo descobre uma estátua divina e truncada, o mundo abala-se, e a maravilha é recolhida aonde possa ficar por todos os tempos; mas a estátua será uma só. Ao poeta ressuscitado em cada aniversário restará a vantagem de ser uma nova e rara maravilha.

Tal foi uma das festas da semana, que teve ainda outras. Há tempo de se afligir e tempo de saltar de gosto, diz o *Eclesiastes*; donde se pode concluir, sem truísmo, que há

¹ A *Gazeta* tem um longo artigo na primeira página, de mais de duas colunas, sobre o poeta e o *Uruguai*, no dia 31 de julho, centenário da morte do poeta em Lisboa. Não entendo, portanto, a menção do dia 20. Mário de Alencar e Aurélio, ambos, têm 20, que é a data que a *Gazeta* dá. No dia 2 de agosto, no *Jornal do Commercio* há notícia de uma polianteia a ser publicada pela revista *República Portuguesa* sobre o poeta. Dão “sinceros encômios” a todos os envolvidos, mas “sem fazer injustiça mencionaremos o nome do jovem bacharel Teodoro (*sic*) de Magalhães, que empenhou a maior dedicação para que não passasse em olvido o primeiro centenário do laureado poeta.”

² “Por mar e terra” (latim).

³ Mário de Alencar e Aurélio acrescentam aqui uma vírgula, que nos parece desnecessária.

semanas festivas e semanas aborrecidas. No *Eclesiastes* há tudo para todos. A pacificação do sul lá está: “Há tempo de guerra e tempo de paz.” Muita gente entende que este é que é o tempo de paz; muita outra julga, pelo contrário, que é ainda o tempo da guerra, e de cada lado se ouvem razões claras e fortes. O *Eclesiastes*, que tem resposta para tudo, alguma dará a ambas as opiniões; se não fosse a urgência do trabalho, iria buscá-la ao próprio livro; não podendo fazê-lo, contento-me em supor que ele dirá aquilo que tem dito a todos, em todas as línguas, principalmente no latim, a que o trasladaram: “Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade.”⁴

Napoleão emendou um dia essas palavras do santo livro. Foi justamente em dia de vitória. Quis ver os cadáveres dos velhos imperadores austríacos, foi aonde eles estavam depositados, e gastou largo tempo em contemplação, ele, imperador também, até que murmurou, como no livro: “Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade.” Mas, logo depois, para corrigir o texto e a si, acrescentou: “Exceto talvez a força.”⁵ Seja ou não exata a anedota, a palavra é verdadeira. Podeis emendá-la ao curso ambicioso, se quiserdes, como ele fez ao desconsolado de Israel, mas há de ser em outro dia. Os minutos correm; agora é falar da semana e das suas festas alegres.

Uma dessas festas foi o regresso do Sr. Rui Barbosa.⁶ Coincidiu com o de Basílio da Gama; mas aquele veio de Londres, este da sepultura, e por mais definitiva que seja a sepultura, força é confessar que o autor do *Uruguai* não veio de mais longe que o ilustre ministro do governo provisório. Talvez de mais perto. A sepultura é a mesma em toda a parte, qualquer que seja o mármore e o talento do escultor, ou a simples pedra sem nome ou com ele, posta em cima da cova. A morte é universal. Londres não é universal. Londres é Londres, tanto para os que a admiram, como para os que a detestam. Um membro da comuna de Paris, visitando a Inglaterra há anos, escreveu que era um país profundamente insular, tanto no sentido moral, como no

⁴ As citações do *Eclesiastes*: cap. 3, 4 (Há tempo de se afligir...), 3, 8 (Há tempo de guerra), e 1, 2 (Vaidade das vaidades). Ainda não estava feita a paz no Rio Grande do Sul, que só se ratificaria a 23 de agosto. Alegava-se que os legalistas, liderados por Júlio de Castilhos, não queriam a paz; no dia 1º de agosto, a *Gazeta* afirma que o próprio Floriano teria elaborado uma proposta nesse sentido, já em 1893. No dia 3, ainda se desmentem boatos sobre o assunto.

⁵ Não descobri a fonte desta citação, que tem um ar schopenhaueriano (a divisão entre a superfície [vaidade] e a força, ou vontade), mas não a encontrei na obra do filósofo alemão.

⁶ Rui Barbosa voltou ao Brasil, do seu exílio na Inglaterra, no dia 29 de julho. A *Gazeta* saúda sua chegada sem meias palavras: “o eminente jornalista e jurisconsulto, cujo brilhante talento tantas vezes admiramos na defesa da liberdade, do direito, e dos oprimidos. Bem-vindo seja!” Os ensaios que publicou no *Jornal do Commercio* foram reunidos em 1896 no livro *Cartas de Inglaterra*. São ensaios políticos e ideológicos, onde proclama a sua admiração pela Inglaterra, e a sua constituição, e, no último ensaio, “As minhas conversões”, defende a sua fé cristã e (relativa) adesão à república. O ensaio “Lições do extremo oriente”, sobre o poder japonês, é em parte um ataque à atitude do regime republicano perante a marinha e o poder naval. Foi atacado pelos florianistas. Forma interessante contraste com os pontos de vista de Machado, por exemplo, na crônica de 28 de outubro de 1894 (126).

geográfico.⁷ Os que leram as cartas do Sr. Rui Barbosa no *Jornal do Commercio*, terão sentido que ele, um dos grandes admiradores do gênio britânico, reconhece aquilo mesmo na nação, e particularmente na capital da Inglaterra.

A recepção do Sr. Rui Barbosa foi mais entusiástica e ruidosa que a de Basílio da Gama; diferença natural, não por causa dos talentos, que são incomparáveis entre si, mas porque a vida ativa fala mais ao ânimo dos homens, porque o Sr. Rui Barbosa teve parte grande na história dos últimos anos, finalmente porque é alguém que vem dizer ou fazer alguma coisa. Como essa coisa, se a houver, é certamente política, troco de caminho e torno-me às letras, ainda que aí mesmo ache o culto espírito do Sr. Rui Barbosa, que também as pratica e com intimidade. Não importa; aqui, o que houver de dizer ou fazer, será bem-vindo a todos.

Outra festa, não propriamente a primeira em data ou lustre, mas em interesse cá da⁸ casa, foi o aniversário da *Gazeta de Notícias*. Completou os seus vinte anos. Vinte anos é alguma coisa na vida de um jornal qualquer, mas na da *Gazeta* é uma longa página da história do jornalismo. O *Jornal do Commercio* lembrou ontem que ela fez uma transformação na imprensa.⁹ Em verdade, quando a *Gazeta* apareceu, a dois vinténs, pequena, feita de notícias, de anedotas, de ditos picantes, apregoada pelas ruas, houve no público o sentimento de alguma coisa nova, adequada ao espírito da cidade. Há vinte anos. As moças desta idade não se lembraram de fazer agora um gracioso mimo à *Gazeta*, bordando por suas mãos uma bandeira, ou, em seda, o número de 2 de agosto de 1875. São duas boas ideias que em 1896 podem realizar as moças de vinte e um anos, e depressa, depressa, antes que a *Gazeta* chegue aos trinta. Aos trinta, por mais amor que haja a esta folha, não é fácil que as senhoras da mesma idade lhe façam mimos. Se lessem Balzac, fá-los-iam grandes, e achariam mãos amigas que os recebessem; mas as moças deixaram Balzac, pai das mulheres de trinta anos.¹⁰



⁷ Infelizmente, não sei identificar com certeza este membro da Comuna. Uma possibilidade interessante, que entretanto não nos foi possível verificar: Jules Vallès (1832-1885), romancista e jornalista, e membro importante da Comuna. Fugiu depois de 1871 para Inglaterra, onde passou o resto da década.

⁸ Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio tem “de”.

⁹ Esta nota apareceu na p. 2, col. 4, do *Jornal*, no sábado, 3 de agosto: “O vigésimo aniversário da “Gazeta de Notícias” assinalou ontem uma data muito cara ao jornalismo brasileiro. / A aparição do nosso ilustre colega em 1875 operou uma verdadeira transformação na imprensa desta cidade. / Saudando a brilhante folha que tanto concorreu para popularizar o jornalismo diário, desejamos-lhe a continuação dos mais assinalados triunfos.”

¹⁰ *La femme de trente ans* é romance de Honoré de Balzac (1799-1850), de 1842, tentativa de criar o “tipo” da mulher de trinta anos.